

A alternativa que vem do SOL

A ampliação dos projetos de energia fotovoltaica vem provocando mudanças na paisagem de propriedades rurais no País. A fonte sustentável de geração é de simples manutenção e representa redução de custos para o produtor

*Denise Saueressig
denise@agranja.com*

O aumento no custo da energia elétrica torna a opção pelas fontes de geração própria cada vez mais interessante. E entre os produtores rurais não é diferente. Os sistemas fotovoltaicos, baseados na conversão da radiação do sol em energia elétrica de forma sustentável, passaram a integrar a paisagem de proprie-

dades rurais no País especialmente nos últimos dois anos.

Em Jataí/GO, o produtor Valdecir Sovernigo decidiu investir em um sistema para reduzir os gastos médios de R\$ 40 mil mensais na conta de luz. O projeto, que levou em torno de 60 dias para ser instalado e entrou em operação em setembro do

ano passado, teve custo de R\$ 1,8 milhão, sendo que 80% foi financiado com recursos do Fundo Constitucional do Centro-Oeste (FCO).

O produtor acreditava que teria o retorno do investimento em um prazo entre seis e sete anos, mas com os mais recentes reajustes nas tarifas de energia elétrica

Painéis instalados na Vinícola Guatambu, em Dom Pedrito/RS, colaboram para uma diminuição média de 80% nos gastos com energia



Rodrigo Alves Vieira

em Goiás, recalculou esse prazo para cerca de cinco anos. Com 305 kW de potência e 1.152 painéis, a estrutura foi planejada para atender as necessidades da propriedade onde Sovernigo trabalha com uma unidade de secagem e armazenagem de grãos e 320 hectares irrigados por cinco pivôs. No total, a área cultivada é de 1.650 hectares com soja, milho e feijão. “Se houver necessidade, podemos ampliar o número de painéis instalados e aumentar a potência”, diz o produtor, que controla o funcionamento do sistema por meio de um aplicativo instalado no celular e disponibilizado pela empresa fabricante dos inversores fotovoltaicos. “O aplicativo também fornece as informações referentes ao benefício ambiental representado pela economia de energia”, revela.

Uma importante vantagem dos sistemas fotovoltaicos, na opinião do produtor, é a possibilidade de crédito quando o usuário não utiliza toda a potência gerada. Nesse caso, o excesso de eletricidade retorna para a rede distribuidora por meio do relógio de luz que faz a medição da entrada e da saída de energia. Assim, são gerados os créditos que podem ser utilizados em um prazo de até cinco anos, segundo regulamentação da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel).

Aumento da potência - O Brasil soma em torno de 30 mil sistemas de micro e mini geração distribuída solar fotovoltaica. A maior parcela (77,2%) está concentrada entre os projetos residenciais. Os consu-

midores rurais respondem por 3,3% desses projetos, mas quando é considerada a potência instalada, o setor representa 5,6% do total. “Houve um avanço importante nos últimos anos. Em 2016, a potência no meio rural era de 0,9 megawatts, mas em 2017 passou a 8,3 MW e, este ano, a 15,8 MW”, informa o presidente executivo da Associação Brasileira de Energia Solar Fotovoltaica (Absolar), Rodrigo Lopes Sauaia.

A redução de 75% no preço da energia solar fotovoltaica em dez anos e o aumento de mais de 50% nas tarifas de energia elétrica nos últimos dois anos são os principais fatores para o incremento nos projetos de pequeno porte no País. “De 2012 para cá, a energia elétrica no Brasil ficou 499% mais cara”, destaca.

A produção de energia de qualidade, a economia na conta de luz e os baixos custos de operação e manutenção estão entre os benefícios da energia fotovoltaica. Para os produtores, a instalação das placas também pode significar o aproveitamento de áreas improdutivas ou degradadas da propriedade. “É uma alternativa com 25 anos de vida útil e de menor custo em comparação com o gerador a diesel, por exemplo. Além de ser silencioso e não poluir o meio



Divulgação

Produtor Valdecir Sovernigo recebe por aplicativo informações sobre o funcionamento e o benefício ambiental do sistema fotovoltaico

ambiente”, conclui Sauaia.

Entre os desafios ao maior crescimento do setor no Brasil, o executivo da Absolar cita a alta carga tributária que incide sobre os fabricantes nacionais de equipamentos e que encarece o valor dos projetos. “Também precisamos difundir mais o conhecimento sobre os benefícios desses sistemas e conquistar maior agilidade na liberação do crédito”, assinala.

Em 2017, o setor fotovoltaico foi responsável pela geração de mais de 20 mil empregos, segundo a Absolar. Boa parte dos equipamentos ainda é importada, mas o Brasil já tem em torno de 30 empresas nacionais atuando na área. Também no ano passado foram R\$ 5,5 bilhões em investimentos no setor. O País conta atualmente com uma potência instalada de 1,3 mil MW em usinas e sistemas solares fotovoltaicos, o que representa 0,8% da matriz elétrica nacional. A projeção é de que a participação dessa fonte na matriz brasileira deverá atingir 10% em 2030.

Plano de expansão - Os painéis solares fazem parte de um projeto maior voltado à sustentabilidade na Vinícola Guatambu, em Dom Pedrito/RS. Inaugurado em 2013, o empreendimento foi projetado para funcionar com o máximo de luminosidade natural, coleta e tratamento de água da chuva e destinação correta de resíduos sólidos e líquidos, conta o produtor Valter José Pötter, proprietário da Estância Guatambu, onde a vitivinicultura é integrada à pecuária e ao cultivo de grãos. “Há bastante tempo pensávamos em uma fonte renovável e chegamos a fazer experimentos com a energia eólica, que não se mostrou viável. Assim, optamos por testar, durante dois anos e meio, as placas fotovoltaicas, que



Estrutura em Jataí/GO foi planejada para atender demandas da propriedade em secagem e armazenagem de grãos e irrigação das lavouras

Ricardo Uniguel

nos trouxeram um ótimo resultado”, recorda.

Já são dois anos de operação dos 600 painéis instalados ao lado do prédio da vinícola, com geração de 210 mil kW/ano. O sistema possibilitou a redução média de 80% nos gastos com eletricidade. O produtor explica que a conta não é zerada porque é preciso pagar a demanda mínima contratada junto à distribuidora para garantir energia em dias de chuva e à noite. “É um negócio excelente, que praticamente não dá trabalho de manutenção. Só precisamos torcer pelo sol”, frisa.

Em 2016, na época do investimento, foi gasto R\$ 1,5 milhão, valor que Pötter acredita que cairia pela metade se fosse este ano. As linhas de crédito para o segmento também eram escassas há dois anos, e o financiamento foi de apenas 35% do valor total. “Hoje a oferta de recursos está muito maior”, resume o produtor, que está fazendo planos para instalar painéis que possam atender as outras demandas energéticas da propriedade, como os silos e secadores de grãos, a fábrica de ração e o consumo residencial.

Apoio técnico - No Rio Grande do Sul, a Emater vem auxiliando os produtores que pretendem investir em sistemas fotovoltaicos. Uma das primeiras iniciativas foi a capacitação dos técnicos que atuam nos escritórios municipais das diferentes regiões do estado. Em parceria com uma empresa do setor, foram realizadas ações de treinamento para cerca de 400 profissionais, in-

forma o engenheiro agrônomo Giancarlo Fernandes Rubin, responsável técnico da Emater/RS na área de energia solar.

Ele explica que os produtores interessados só precisam levar uma conta de luz até o escritório da Emater. Com as condições adequadas de crédito, o projeto fica pronto em até sete dias. “Nossos técnicos também estão preparados para ajudar com informações sobre os recursos oficiais que estão disponíveis a investimentos com esse perfil”, detalha.

Entre as linhas que podem ser acessadas em instituições financeiras de todo o País estão o Pronaf Eco, do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar, o Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor Rural (Pronamp), o FCO Rural Investimento Agropecuário, o Programa de Incentivo à Inovação Tecnológica na Produção Agropecuária (Inovagro), o Investe Agro e o Programa de Desenvolvimento Cooperativo para Agregação de Valor à Produção Agropecuária (Prodecoop). Os recursos têm taxas e prazos variados e podem ser solicitados por produtores individuais e também por cooperativas e associações.

A demanda na área tem se mostrado bastante aquecida, segundo Rubin. Atualmente, no Rio Grande do Sul, em torno de 280 projetos demonstram alta viabilidade econômica. O perfil dos produtores é diverso, mas com predominância para agro-



Kellen Pohlmann

Produtor Valter Pötter avalia ampliação do número de placas fotovoltaicas para outras atividades da propriedade, além da vinícola

indústrias, aviários e propriedades leiteiras, em projetos com valores entre R\$ 20 mil e R\$ 50 mil. “Apesar de o custo ter reduzido significativamente nos últimos anos devido ao acirramento da concorrência no mercado, o preço ainda representa um gargalo para um maior crescimento no setor, assim como a desconfiança e o desconhecimento que existem”, destaca o agrônomo da Emater. “Trabalhamos com prioridade à qualidade e à segurança. Se percebemos que não há viabilidade econômica em determinado planejamento, falamos claramente ao produtor”, acrescenta Rubin. Um dos empreendimentos mais recentes do Rio Grande do Sul foi instalado no mês passado, na sede da Cooperativa Agroindustrial São Jacó (Cooperagri), em Teutônia. Em uma área de 850 m², o projeto representará economia de cerca de 50% na demanda energética. ■



APLICAÇÃO LOCALIZADA DENTRO DO SULCO DO PLANTIO
ECONOMIA, EFICIÊNCIA E SUSTENTABILIDADE

APLICAÇÃO LOCALIZADA DE NEMATICIDAS EM TAXA VARIÁVEL

+55 (14) 3452 2553 www.orion.ind.br vendas@orion.ind.br orionumpassoafrente